

Memória da dança e a produção de seus arquivos na era digital

Por Marcelo Sena*

Ser um artista da dança e manter um trabalho contínuo em projetos que lidam com a memória da dança, me coloca em um trânsito constante entre o que cada artista produziu, o que preservar e como arquivar o registro dessas obras, assim como me faz pensar na relação de arquivo e memória na minha criação. O que muda, quando levo em consideração as histórias da dança que há antes de mim? E como lidar com a pluralidade de plataformas, formatos e a grande quantidade de materiais gerados com as tecnologias e produções atuais? Se antes tínhamos poucos registros, que se resumiam basicamente a fotos, escritos e alguns poucos vídeos, hoje convivemos com um grande arsenal de registros produzidos e difundidos pelos próprios artistas, com sua expressão máxima no uso das redes sociais virtuais e da multifuncionalidade dos *smartphones*, enquanto meios de produção de registro, assim como de acesso a essas informações.

Parto aqui da minha experiência com o Acervo RecorDança (primeiro acervo exclusivamente digital no Brasil), do qual fiz parte desde 2003 (ano de sua criação) até 2017; com o site Cartografias da Dança no Acre, em 2015, do qual fui responsável em organizar as informações recolhidas por Valeska Alvim, a partir de sua pesquisa de doutorado; e com a minha atuação jornalística na área cultural, como o portal de teatro e dança Quarta Parede, além de outras iniciativas pessoais.

Mas também não posso deixar de partir da minha atuação enquanto diretor de uma companhia de dança com 18 anos de existência, criada no ano 2000 (fase em que a internet estava iniciando sua popularização no Brasil) e que continua seus trabalhos até os dias atuais. A acelerada ascensão das redes sociais virtuais e aparelhos portáteis de registros, vem possibilitando que todas as etapas de um processo criativo e de seus resultados artísticos sejam registrados e difundidos de forma instantânea e contínua.

Mas o que fazer com toda essa quantidade de registros? Como arquivar tudo isso? Como construir memória? Como pensar uma historiografia de um período tão marcado pela imersão nesse universo virtual?

QUEM CONTA A HISTÓRIA DE QUAL DANÇA?

De um modo geral, quando olhamos pra trás e tentamos entender como a história da dança foi contada oficialmente, percebemos que muitos livros dessas histórias foram escritos por bailarinos, bailarinas, coreógrafos e coreógrafas que dedicaram uma parte de sua vida a catalogar o que conheciam e o que conseguiam pesquisar, da forma como eles e elas entendiam por catalogar, apesar das poucas informações disponíveis entre o final do século XIX e o século XX. A maioria desses profissionais da dança não tinham capacitação em metodologias de história, por não terem formação na área, porém contribuíram enormemente para nos contar muito do que sabemos hoje. Sem essas pessoas, talvez não teríamos acesso à maior parte do que sabemos sobre a dança desses dois últimos séculos. Mas precisamos reconhecer que muitos desses livros se colocavam numa pretensão de abranger um período e uma área geográfica que não condiz com a pluralidade da produção e com os diferentes tipos de dança que não encontravam lugar equivalente nesses textos, a exemplo, no Brasil, das danças das regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, ou as tantas danças tradicionais. Outro fator que considero importante na atitude da escrita desses artistas/“historiadores”, é que, escrevendo-as, eles e elas também escrevem as suas, compreendendo seu lugar naquele contexto, ao mesmo tempo em que anunciam sua existência enquanto produção de memória.

Em 2003, ao ser convidado para ser pesquisador do Acervo RecorDança em Recife, um projeto de mapeamento da dança na Região Metropolitana do Recife das décadas de 70, 80 e 90, fui percebendo, na prática, o quanto saber da história da dança da qual eu passava a fazer parte me fez tomar uma consciência maior de meu trabalho naquele contexto. E na equipe do projeto era claro o desejo das outras pesquisadoras (eu era o único pesquisador homem) em entender seu lugar. A idealizadora e coordenadora do projeto, Valéria Vicente, partiu inclusive desse desejo como premissa para a concepção do primeiro projeto.

Era marcante a dificuldade em conseguir recolher fotos, vídeos, material gráfico dos grupos e artistas nos primeiros anos de trabalho do Acervo RecorDança, entre 2003 e 2008. Quase tudo era em papel, o que exigia um trabalho maior para a digitalização e tratamento. Poucos registros em vídeo, e muitos deles em muito mau estado de conservação, em VHSs mofados e mastigados. E um fator a mais nos surpreendeu naquele momento: a falta de consciência de muitos de seus criadores, criadoras, diretores, diretoras, bailarinos e bailarinas, da importância da memória desses trabalhos artísticos. Tínhamos um trabalho de esclarecer o objetivo do acervo e da responsabilidade que essas pessoas carregavam em preservar esses registros para que a história da dança pudesse continuar sendo contada.

Há muitas décadas, o meio jornalístico tem sido um espaço onde muitas dessas informações circulavam. Apesar de a dança ter demorado a ser abordada como arte em muitas das revistas e cadernos especiais, ela foi encontrando seu lugar entre as outras artes. A pesquisadora Aline Grego Lins (2009), em um artigo intitulado “A presença do jornalismo cultural nas revistas recifenses”, nos esclarece que “o jornalismo cultural passa a ganhar força no Brasil no final do século XIX. Em sua trajetória, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, foram as revistas as que deram mais espaço e força ao jornalismo voltado para a cultura”. E no jornalismo cultural em Recife ela diz não ter sido diferente: “Foram encontrados registros de mais de 40 revistas, nas três primeiras décadas do século XX, esse número praticamente triplicou até os anos 60. Desse total, quase a metade estava voltada às letras, artes, temas e manifestações culturais.” Atualmente, de todas essas revistas do Recife que ela chega a nomear, apenas a Continente Multicultural continua ativa. Há outras que não vou citar aqui, por não considerar importante para essa abordagem, mas ressalto o crescimento de blogs, sites especializados em arte, incluindo alguns exclusivos de dança. E foi nesse ambiente virtual que os registros começaram a encontrar cada vez mais espaço, já que o limite de informação, assim como o suporte a outras mídias, nesses sites e blogs era muito mais flexível que as publicações em papel.

Pretendo agora levantar algumas reflexões sobre o que chamo de nova historiografia da dança: esta que está sendo construída em meio a era digital, no “boom” das redes sociais virtuais, no cruzamento desse novo meio de difusão de informação e da popularização das novas tecnologias de produção de registro.

Enquanto há duas décadas tínhamos que poupar na quantidade de fotografias de um espetáculo para economizar no filme fotográfico, assim como no valor que se pagava a um ou uma profissional pela quantidade de fotos que era entregue, hoje é comum uma quantidade muito maior de fotos de qualquer ação de dança. Junto a isso, os registros passam a ser feitos em diversos suportes, o que era algo muito difícil antes para a grande maioria dos e das artistas.

Hoje, até o acesso a esses registros é fácil, pois estão boa parte disponíveis nos sites especializados, até mesmo, em sua maioria, nas redes sociais virtuais dos grupos e artistas - que passam a ter autonomia para elaborar seu próprio acervo, mesmo quando de forma intuitiva.

Quando eu comentei da dificuldade de acesso que tínhamos, no início dos anos 2000, em recolher o material dos grupos e artistas, penso que seria quase impossível naquele momento imaginar a quantidade de material que encontramos hoje na internet, com uma simples busca no *Google*, ou um passeio rápido nas redes sociais desses e dessas artistas.

Mas ter acesso a todo esse material não garante um entendimento mais amplo desse contexto. Nem sempre conseguimos estabelecer uma relação com esses arquivos que vão constituindo nossos “novos acervos”. O que pode parecer ser a grande solução para o acesso às histórias da dança passa a se transformar num terreno movediço.

Quem é artista nos tempos de hoje, também assume, em sua maioria, o papel de ser um difusor de seus próprios registros, o que me leva de volta à preocupação que tínhamos no início do RecorDança, de provocar uma reflexão sobre esta responsabilidade dos realizadores de arte em preservar seus acervos pessoais.

Qual o papel hoje desses novos historiadores frente a essa imensidão de material? Como lidar com vídeos no YouTube, que podem ser excluídos a qualquer momento da internet, por questões de direitos autorais ou por, simplesmente, terem sido apagados por falta de domínio das ferramentas virtuais? Qual a importância de registros mais

voláteis como os *snapchats* ou *stories* do *Instagram/Facebook/Whatsapp* que desaparecem após 24 horas?

Há um papel importante do historiador e da historiadora em repensar seu modo de escrever história hoje com esses novos suportes, tão usados pelos e pelas artistas da dança. O que preservar? Considero que esta escolha toma um caráter imprescindível diante da quantidade de registros que temos produzido, aproximando aqui história e curadoria em arte. Precisamos continuar alertando a quem produz esses materiais sobre a responsabilidade de estar apto a continuar preservando tudo isso, para que não fiquemos à mercê dessas empresas de comunicação. Junto a isto, penso que novos modos de contar as histórias das danças deveriam co-existir com os pensamentos atuais sobre temporalidades, narrativas, autoria e até mesmo as definições de dança.

REFERÊNCIA:

GREGO LINS, Aline M. **A presença do jornalismo cultural nas revistas recifenses: os casos da Moderna, Jazz-Band Revista Carnavalesca, Capibaribe, Continente e Coquetel Molotov.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/A%20presenca%20do%20jornalismo%20cultural%20nas%20revistas%20recifenses.pdf> Acesso em: 10. set. 2017.

* Marcelo Sena é artista da Dança, diretor e artista-pesquisador da Cia. Etc., companhia criada em 2000 com criações e pesquisas em dança e videodança. Tem formação acadêmica em Comunicação Social (Jornalismo), pela UFS, com especialização em Dança pela Faculdade Angel Vianna/Compassos Cia. de Danças. É também músico e compositor, com criações de trilha sonora para dança e videodança. Foi pesquisador do Acervo RecorDança, co-fundador e membro do Movimento Dança Recife e atualmente é integrante do portal de teatro e dança Quarta Parede.